

HELENA HUNTING

Doce tatuagem



série *A flor da pele*

SUMA
de letras

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



HELENA
HUNTING

*Doce
tatuagem*

série A flor da pele

Tradução
Thalita Uba



Copyright © 2014 by Ink & Cupcakes Inc

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título Original
Cupcakes and Ink

Capa
Filigrana sobre design original

Imagem de capa
Shutterstock

Revisão
Sheila Louzada
Mariana Calil

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
H924d
Hunting, Helena

Doce tatuagem [recurso eletrônico] / Helena Hunting; tradução Thalita Uba. –
1. ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
recurso digital (À flor da pele)
Tradução de: *Cupcakes and Ink*
Formato: epub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
47p. ISBN 978-85-8105-271-7 (recurso eletrônico)
1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Uba, Thalita. II. Título. III. Série.
15-20106 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3



SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[Tenley](#)

[Hayden](#)

[À Flor da Pele](#)

Para minha irmã. Sua coragem me deixa pasma. Amo você.

AGRADECIMENTOS



Brooks, Micki e minha equipe da S&S: obrigada por fazerem de cada passo deste processo uma aventura.

Alex e Kris: vocês são realmente fabulosos. Obrigada por sempre estarem por perto para apagar cada ponto e vírgula meu. Alex, seus conselhos sábios e sua amizade têm sido uma bênção.

Para minhas Filets: eu amo vocês, garotas. Vocês me mantêm (mais ou menos) sã.

Equipe WC: seu apoio, sua animação e o fato de vocês serem tão incríveis têm me ajudado muito durante todo este trabalho. Sou muito feliz por ter vocês.

Marido, você é o melhor.

Fãs, sem vocês, isto não teria sido possível.



TENLEY

Parei no estacionamento atrás do meu prédio e desliguei o motor, aproveitando o ar-condicionado do carro por mais um momento. Quando abri a porta, o calor atingiu meu rosto como um cobertor molhado. Estava horrivelmente quente e úmido, clima normal para um final de agosto em Chicago. Eram quase nove da noite, o que deveria significar uma trégua do calor opressor, mas a previsão era de mais do mesmo nos dias seguintes. Abri o porta-malas e peguei tantas sacolas quanto consegui.

Tive que fazer várias viagens e, quando enfim consegui levar tudo para cima, o suor escorria pelas minhas têmporas e minha camiseta grudava no corpo. O ventilador — a compra mais importante — fez um ruído seco quando o larguei no chão do corredor, do lado de fora do meu apartamento.

Não me preocupei com o barulho. Como o velho Toyota Tercel da minha vizinha não estava no estacionamento, supus que não estivesse em casa. Eu ainda não tinha encontrado com ela, já que me mudara havia apenas uma semana, mas a proprietária do apartamento, Cassie, disse que ela estudava na Northwestern. Assim como eu, ela fazia mestrado.

Abri a porta com o ombro e empurrei as sacolas para dentro com o pé. Uma delas rasgou, esparramando pacotes de pipoca de micro-ondas pelo chão de madeira. Suspirando, voltei ao corredor e arrastei o ventilador pelo chão. Era tão brutalmente pesado que eu quase o derrubei enquanto subia as escadas. Minha única fonte de ar fresco era a janela do quarto; o resto do apartamento parecia uma sauna. Eu tinha deixado a porta do quarto aberta na esperança de que refrescasse a casa toda, mas, quando voltei, um calor nojento ainda dominava a sala e o quarto mal estava arejado.

Guardei as compras rapidamente, jogando os perecíveis na geladeira. Então peguei os pacotes de pipoca e os larguei no balcão, junto com o restante dos alimentos preparo instantâneo, como miojo, além dos ingredientes para bolos e afins. Precisei de um armário inteiro só para guardar todo o meu equipamento de confeitaria.

A tarefa seguinte era preparar um drinque. Meu aniversário de 21 anos era só

dali a algumas semanas, então eu ainda não podia comprar bebidas alcoólicas legalmente, mas tinha sido esperta o bastante para colocar algumas garrafas na mala antes de deixar Arden Hills.

Uma garrafa de vodka esperava por mim no freezer. Servi uma dose generosa e enchi o copo com cubos de gelo. Acrescentei suco de toranja, mexi e dei um gole. Olhei para o relógio do micro-ondas e vi que tinha passado um pouco das nove e meia — perfeito. Peguei uma almofada no sofá, fui até a janela, afastei as cortinas e levantei o vidro.

Sentei no parapeito largo, apoiando as costas na almofada. As luzes traseiras dos carros brilhavam na rua abaixo e buzinas ocasionais pontuavam o ronco dos motores. Eu nunca tinha morado em uma rua tão movimentada, e a atividade constante era uma distração bem-vinda.

Nas primeiras noites ali, eu tinha me sentado na janela para ouvir a conversa das pessoas que passavam na calçada, lá embaixo. De frente para o meu apartamento, no nível da rua, a placa do Inked Armor brilhava em contraste com o cenário de sombras e postes de luz. Eu estava fascinada pela movimentação no estúdio de tatuagem. Isso me distraía do vazio no meu apartamento, que era um eco do sentimento em meu peito. Eu tinha vindo para Chicago a fim de escapar das lembranças em Arden Hills; a fim de deixar para trás a memória do que eu tinha perdido e nunca poderia recuperar.

Ali, nada me era familiar. Isso era tanto uma bênção quanto uma maldição. A solidão intrínseca me desgastava de uma maneira muito diferente. Eu sentia falta da sensação de proximidade com as pessoas, ainda mais depois dos meses de isolamento. Vê-las interagindo, do outro lado da rua, tinha se tornado uma maneira segura de aliviar isso. Eu me pegava observando-as até que o último cliente saísse do estúdio.

Três homens e uma mulher trabalhavam ali, todos na casa dos vinte e tantos anos. Os homens eram tatuadores; eu os tinha visto tatuando muitas vezes. E todos eles, inclusive a garota, tinham várias tatuagens e piercings, desafiando as convenções com as quais eu tinha crescido.

Um tatuador despertou meu interesse mais que os outros. Alto, de ombros largos e cabelo escuro, suas inúmeras tatuagens chamaram minha atenção, tanto quanto os piercings faciais. Um desenho em tinta preta subia por seu braço direito e uma explosão vibrante de cor cobria o esquerdo, os desenhos indistinguíveis da distância da minha janela. Eu ficava pensando, com mais frequência do que gostaria de admitir, no que mais teria debaixo da camiseta dele. Com certeza alguém que tivesse os braços tatuados por completo não pararia por aí. E a extensão de suas costas e de seus braços definidos parecia servir como uma tela linda e esculpida perfeitamente para sua arte corporal.

Além do encanto das tatuagens e de sua beleza pouco convencional, algo nele me atraía para a janela todas as noites. Por mais interessantes que todos no

estúdio fossem — desde o cara enorme com sorriso simpático até o cara esguio de cavanhaque e a menina de cabelo da cor de algodão-doce —, era para o homem de cabelo escuro que eu não conseguia parar de olhar. Ele rondava, não andava. Tinha uma inquietude inerente; mesmo quando estava sentado, não parava de bater o pé no chão. Dos quatro, parecia ser o mais sério e o mais intimidador.

Ele ficava profundamente focado enquanto fazia sua arte, os movimentos fluidos e experientes. Apesar de seu ar ameaçador, era atencioso no trabalho, e os clientes pareciam à vontade com ele. Observá-lo transferir os desenhos para a pele era quase sensual. Muitas vezes me senti como o pior tipo de voyeur, espiando um ato intrinsecamente íntimo. Comecei a imaginar como seria estar na cadeira dele. Como seria ter aquelas mãos fazendo arte no meu corpo.

Naquela noite, ele estava colorindo um desenho em um ombro. Eu invejava a mulher em sua cadeira — fazia quase duas horas que ele trabalhava nela. A essa altura eu já tinha terminado três drinques, então estava ficando seriamente tonta. O desenho, ganhando vida com a cor, se estendia da escápula até o meio das costas. Ele era metódico, aplicava a tinta e limpava a tatuagem antes de trocar de cor. Volta e meia parava e entregava a ela uma garrafa d'água ou uma bolinha para que apertasse enquanto ele trabalhava. Eu queria ver os detalhes do desenho. Cada vez mais eu pensava em me aproximar do estúdio. Além de ver a arte, eu queria olhá-lo de perto para confirmar aquilo de que eu já tinha certeza: que suas tatuagens eram tão lindas quanto ele.

Quando terminou a tatuagem, ele ajudou a mulher a se levantar da cadeira e a levou para o outro lado do estúdio. Ela passou um bom tempo olhando para a tinta fresca enquanto ele ajustava os espelhos para lhe dar o melhor ângulo. Ele foi incrivelmente gentil ao limpar o desenho e cobri-lo com filme plástico. Aquilo não combinava com sua aparência severa, o que o tornava ainda mais fascinante.

Assim que a cliente foi embora, o pessoal do estúdio se reuniu na recepção, como parecia ser costume deles. A garota, atrás do balcão, disse algo que o fez rir, o que não era típico dele. Havia uma camaradagem entre eles que eu invejava, que me fazia querer aquele tipo descomplicado de amizade.

Depois de alguns minutos de conversa, eles se dispersaram para arrumar tudo. As coisas foram guardadas e limpas antes de fecharem as cortinas e apagarem a luz. Então saíram em fila e trancaram a porta. Os quatro viraram à direita, passando por duas vitrines, até o lobby de um prédio residencial. Todos esperaram enquanto meu objeto de fascinação destrancava a porta. Depois eles desapareceram no saguão, me deixando sozinha de novo.

Desde que aquele ritual noturno havia começado, eu tentava me convencer de que meu interesse era pela clientela. Não era verdade. Eu estava sempre esperando conseguir algum vislumbre do homem de cabelo escuro e braços

cobertos de tatuagens. Mais de uma vez eu o vi atravessar a rua e entrar no Serendipity, o antiquário-livraria localizado no térreo do meu prédio. Ele sempre saía carregando bebidas da cafeteria ao lado. Nunca tínhamos estado lá ao mesmo tempo. Não que eu quisesse que isso acontecesse.

Fiquei sentada na janela até meu drinque acabar. Então enchi o copo de novo e montei o ventilador industrial. Quando terminei, minha camiseta estava úmida e grudada outra vez. Pluguei o ventilador na tomada e o liguei. Os papéis que eu tinha deixado na mesa de centro voaram e se espalharam pelo ar até atingirem a parede e caírem no chão. Parecia que um avião a jato estava pousando na minha sala de estar, o barulho incitando uma onda irracional de pânico. Respirei fundo e abafei minha ansiedade. Era apenas um ventilador barulhento. Estava tudo bem. Recolhi os papéis; precisaria começar a grampear as folhas.

Coloquei o ventilador na frente da janela, torcendo para que puxasse o ar levemente mais fresco da noite e ajudasse a diminuir a temperatura ali dentro. Passando pelas caixas de livros que ainda não tinham sido abertas, apaguei todas as luzes, menos a da cozinha. Grudenta de suor, eu precisava muito de um banho. Liguei o chuveiro, tirei as roupas e nem me preocupei em conferir a temperatura da água antes de entrar. Estava gelada a ponto de me fazer tremer, mas não me importei.

Quando não consegui mais suportar o frio, deixei a água morna e peguei o xampu. Enquanto lavava o cabelo, meu dedo passou pela trilha de argolas em minha orelha. Cada adição havia sido uma pequena revolta. Pensei nos acontecimentos e nas pessoas que haviam provocado aqueles pequenos atos de rebeldia. Não havia mais ninguém para brigar comigo por causa deles. Eu podia fazer o que quisesse agora, sem me preocupar com as repercussões. Seria tão fácil ir até o Inked Armor...

Balancei a cabeça e peguei uma esponja, passando-a pelos braços e pela nuca, depois descendo. Aquilo era uma ideia colossalmente ruim, por mais que eu quisesse colocá-la em prática. Era melhor manter uma distância segura. Eu ainda estava tentando me encontrar naquela nova cidade e naquela nova vida. Ainda não me sentia pronta para fazer amigos. Quando terminei de me lavar, me enxaguei, fechei o chuveiro e peguei uma toalha. Minhas roupas descartadas ficaram no chão do banheiro, já que não tinha ninguém por perto para se preocupar se eu ia pegá-las ou não.

Enrolada na toalha, voltei à cozinha para reabastecer o copo, dobrando a dose de vodca dessa vez. A onda de ar congelante da geladeira que me recebeu fez os pelos da minha pele úmida se arrepiarem, e saboreei a maravilha do frio industrializado. Eu já tinha dificuldades para dormir, não precisava do calor complicando as coisas.

Pendurei a toalha na cadeira no canto do quarto, para secar, e então vasculhei a cômoda em busca de algo para vestir. Tinha comprado aquela cômoda no

Serendipity; Cassie era a proprietária e a gerente do antiquário que havia no térreo do prédio. Era acoplado a um pequeno café especializado em comidinhas de forno. Desde que eu me mudara, tinha ido ao Serendipity quase todos os dias. Se não ia procurar por peças para mobiliar meu apartamento, ia comprar cafés ou lanches, já que eu ainda não tinha feito compras.

Na pressa de me mudar para Chicago, eu só tinha trazido o que coube no carro. Passei as duas primeiras noites dormindo em um colchão de ar, até testar algumas camas e comprar uma. Eu tinha gastado boa parte da última semana ou procurando itens necessários, como sofá e mesa de centro, ou montando prateleiras baratas, do tipo “faça você mesmo”, para meus livros. Meu apartamento estava, aos poucos, começando a parecer um lar.

Vesti uma calcinha e uma regata, abri o laptop e procurei algo divertido para assistir. Não gostava de terror — tinha passado por isso na vida real no último ano —, e comédias românticas me davam ânsia de vômito, então optei por um documentário que poderia me ajudar com a tese de mestrado. As aulas só começariam em algumas semanas, mas eu estava ansiosa. Quanto mais eu pesquisasse agora, mais bem preparada estaria para a primeira reunião com meu orientador.

Eu me acomodei nos travesseiros, pronta para ter uma aula sobre a arte da modificação corporal contemporânea. Depois de uma hora e meia, tinha várias anotações. Apaguei as luzes, puxei os lençóis, abracei um travesseiro macio e coloquei o documentário para rodar de novo. Na metade, meus olhos começaram a ficar pesados e pisquei, sonolenta, enquanto Jesse Jarrell me explicava, com seu jeito calmo e tranquilo, sobre implantes subcutâneos...

Eu estava recostada em uma cadeira de tatuador. O vinil vermelho era macio e tinha um leve cheiro de limão. Olhei em volta, confusa, até que percebi que estava no Inked Armor. Enquanto analisava ao meu redor, fiquei bastante consciente de que éramos só eu e ele no estúdio silencioso. Não havia mais ninguém. Nem a menina de cabelo rosa-claro, nem o cara alto e magro que com certeza era namorado dela, nem o esquisito com os braços cobertos de tatuagens em preto e branco. As cortinas estavam fechadas e a iluminação era tão fraca que eu não sabia como ele conseguia enxergar o desenho que fazia em minha pele. Apertei a beirada da cadeira; a tensão fazia meus músculos tremerem. Pisquei e pisquei outra vez, porém, por mais que eu tentasse, não conseguia fazer com que as tatuagens que cobriam o corpo dele, ou os traços de seu rosto, entrassem em foco.

Olhei para a tatuagem nova: penas chamuscadas e fumegantes em tons de carmesim e dourado flutuavam sobre meu quadril e desciam pela lateral externa da minha coxa. Era uma versão da tatuagem que eu andava desenhando nos últimos meses, estonteantemente detalhada. Mas estava no lugar errado.

Entre uma piscada e outra, a cena se alterou. O zumbido da máquina de tatuar cessou. A tensão ganhou vida quando percebi que estava apenas de regata e nada mais. Confusão e vergonha lutaram contra um desejo faminto, que eu tinha esquecido que existia, enquanto ele se acomodava entre minhas coxas. Tentei

fechar as pernas, mas ele estava ali, me impedindo.

O rosto dele estava na sombra, os traços ainda obscuros, por mais que eu me esforçasse para vê-lo com clareza. Mãos quentes desceram acariciando minhas pernas e então senti o toque suave e acetinado dos lábios na parte interna da minha coxa. Ele moveu a boca mais para cima, os dentes mordiscando a pele. Então seus dedos estavam bem ali, macios e quentes, me tocando de um jeito que eu não era tocada havia muito tempo. Minhas mãos procuraram por ele, os dedos escorregando por aquelas mechas escuras e agarrando com força. Ele riu, aquele som denso deslizando sobre mim, dentro de mim. Arqueei o corpo sob ele, calor e desejo se unindo...

Acordei no ápice de um orgasmo, meu corpo e os lençóis úmidos de suor. Fiquei ali, deitada no escuro, ofegando como se tivesse acabado de correr uma maratona. Eu não tinha um orgasmo fazia mais de oito meses. O desejo andara ausente por tanto tempo que eu tinha até esquecido como era a sensação.

Esfreguei as mãos no rosto, tentando recuperar o fôlego. Meu corpo vibrava com uma energia estranha; eu ainda estava loucamente excitada. Fechei os olhos e tentei relaxar, mas, assim que fiz isso, as imagens voltaram com uma clareza devastadora. Apesar de o rosto dele permanecer embaçado, as sensações imaginárias eram nítidas. Aqueles braços tatuados segurando minhas pernas, o roçar suave dos lábios e a boca quente e molhada em mim.

Coloquei o travesseiro em cima da cabeça na tentativa de afugentar as imagens, mas foi inútil. Depois de tantos meses, meu corpo tinha despertado de sua letargia sexual. Joguei o travesseiro longe e olhei para o relógio na mesa de cabeceira. Eram cinco e meia da manhã; eu não ia conseguir pegar no sono de novo de jeito nenhum. Era melhor levantar de uma vez.

Mais tarde, naquele mesmo dia, me peguei parada no meio da sala, tentando não ceder ao impulso de ir à janela. Eu já tinha trocado os lençóis, tomado banho e bebido um bule inteiro de café. Durante a maratona de café, reorganizei a mobília da sala de estar três vezes. Eu fazia meu melhor para manter a cabeça longe do tatuador do outro lado da rua. Até então, estava falhando miseravelmente.

Olhei para as caixas ao lado das prateleiras. Eu evitava algumas delas de propósito. A caixa com os álbuns de fotos tinha sido relegada ao armário do quarto. Nos álbuns havia momentos da minha vida e todas as pessoas que

passaram por ela. Mas eu não estava pronta para lhes dar um lugar nas prateleiras. Em vez disso, enchi-as de livros; textos da faculdade, romances que eu amava. Livros que minha mãe tinha me dado ao longo dos anos.

Quando terminei, olhei para o espaço vazio onde os álbuns deveriam ficar. Em algum momento eu reuniria coragem para colocá-los no lugar certo. Todo o meu apartamento parecia refletir aquela sensação de vazio, não importava com quantas coisas eu o preenchesse. Aquilo me deixava ansiosa. Eu estava sozinha ali, sem nada nem ninguém — era o que eu achava que queria. Mas a dor interna era tão esmagadora que às vezes me assustava. Eu tinha muitas coisas das quais sentir falta, mas lá em Arden Hills os lembretes constantes eram uma espécie de tortura.

Dei as costas para as prateleiras e me larguei no sofá. O ventilador novo estava cumprindo sua função; a circulação de ar definitivamente ajudava a amenizar o calor. Abri o laptop e entrei no meu e-mail da Northwestern. As únicas mensagens eram do Departamento de Assuntos Estudantis, me convidando para uma palestra informativa que ocorreria dali a duas semanas. O tempo livre estava me matando. Agora que meu apartamento tinha sido mobiliado, minhas únicas distrações eram escrever minha tese e observar pessoas, o que vinha se tornando um problema, ainda mais depois do sonho da última noite. Apesar de ficar feliz por passar algumas horas, todos os dias, fazendo pesquisas, eu passaria ao menos mais uma semana sem me encontrar com meu orientador, o que limitava o quanto podia avançar.

Eu precisava encontrar alguma coisa para ocupar meu tempo além de ficar sentada na janela desejando uma vida que não era a minha.

Uma semana depois, lá estava eu, no porão do Serendipity. Cassie tinha gentilmente deixado que eu procurasse lá qualquer coisa de que viesse a precisar. Ali embaixo era como o paraíso dos acumuladores, quase impossível de se locomover. Eu queria para minha cozinha o jogo de mesa de jantar que estava do outro lado do cômodo, mas o labirinto de móveis e caixas não me permitia chegar até ele. Desisti e, em vez disso, levei uma caixa de livros para cima, depois desci de novo para pegar outra, na esperança de abrir caminho até a mesa.

De volta à escada, ouvi a porta da frente tilintar e o som de coturnos se movendo piso acima. Quando cheguei ao patamar superior, apoiei a caixa no quadril e espiei pela fresta da porta aberta. Eu o reconheci na mesma hora, assim como, aparentemente, todo o meu corpo. Fiquei vermelha da cabeça aos pés.

Ele conversava com Cassie, a mão apoiada em uma pequena pilha de livros.

Estava perto o suficiente para que eu conseguisse ver a linha forte de seu maxilar e os desenhos coloridos e intrincados em seu braço. Lembravam videiras e algo que podia ser flores, mas eram escuros demais para eu ter certeza. Ele se inclinou e beijou o rosto dela, o que me surpreendeu, tanto pelo carinho do gesto quanto pelo fato de ele parecer estar mais perto da minha idade do que da de Cassie. Eles conversaram por alguns minutos, e depois ele seguiu para o café. Quando ele saiu, passei pela porta e coloquei a caixa em cima das outras duas.

— Tenley! — Cassie saiu de trás do balcão. — Você deveria ter pedido ajuda. Meu sobrinho estava aqui agora mesmo, ele podia ter carregado isso para você.

Ai, meu Deus, eu estava tendo sonhos eróticos com o *sobrinho* dela. Eu não tinha como ficar mais envergonhada.

— Tudo bem — respondi, minha voz mais aguda que o normal. — Dei uma olhada nas caixas antes de trazer para cima, e parece que tem alguns clássicos aí dentro. Percebi que você tem algumas prateleiras vazias nos fundos, onde põe os livros... — Deixei a frase morrer, tentando esconder minha vergonha enquanto divagava. Eu não tinha socializado muito nos últimos meses e minhas habilidades de conversação não estavam muito boas. — Desculpe. Posso levar de volta lá para baixo se estiverem atrapalhando.

Ela me deu um sorriso tranquilizador.

— Nem um pouco. Eu queria mesmo fazer isso, mas fica difícil, já que sou só eu aqui.

— Posso pôr os livros nas prateleiras se você quiser. Não vai ser nenhum incômodo — ofereci, mesmo sem saber se estava passando dos limites.

Naquele momento, o sobrinho dela voltou com uma bandeja cheia de cafés na mão.

— Quase me esqueci deles — disse ele, colocando debaixo do braço os livros que estavam no balcão. — Tenho um cliente em cinco minutos, mas vou dar um pulo aqui amanhã para a gente pôr o papo em dia. Para você me contar as novidades e tal, ok?

— Quando você tiver tempo — respondeu Cassie, aceitando o copo que ele lhe entregou.

Ele foi até a porta e a abriu com o cotovelo. Seus olhos se ergueram e encontraram os meus enquanto eu tentava me misturar à paisagem. Vi um relance prateado no canto de sua boca, antes de desviar o olhar; não queria ser pega o encarando. Eu tinha certeza de que as pessoas faziam aquilo com ele o tempo todo.

Houve uma longa pausa antes de eu finalmente ouvir:

— Até mais, Cass.

A porta tilintou ao se fechar.

Soltei o ar que estava prendendo, meu estômago revirando com a lembrança do sonho. Eu me afastei da parede e sorri para Cassie de um jeito que torci para

ter saído natural, apesar do rubor em minhas bochechas.

— Vou só guardar esses aqui para você, ok?

— Seria ótimo. — O sorriso dela era genuíno.

Peguei uma caixa e fui em direção aos fundos da loja. O que tinha começado como uma simples oferta de colocar alguns livros em uma prateleira se tornou um projeto de um dia inteiro. Tudo estava organizado por tamanho e assunto geral, em vez de gênero e autor. Tirei tudo e comecei a reorganizar.

Algum tempo depois, Cassie me encontrou no meio da bagunça.

— Eu nem percebi que você ainda estava aqui!

Olhei para as pilhas de livros que se erguiam ao meu redor e, depois, para ela.

— Acho que me empolguei.

Ela riu.

— Eles não estavam muito bem-organizados, não é?

Franzi o nariz.

— Não muito — respondi, me desculpando.

— Hayden me diz isso o tempo todo. Diz que isso o deixa completamente louco.

Hayden. Combinava com ele. Um nome diferente, como o meu.

— Posso voltar amanhã e arrumar o resto se você quiser — ofereci. — Ah, e tem uma mesa e umas cadeiras no porão que eu queria comprar, mas não consigo chegar até elas. Quando terminar com os livros, posso dar uma mexida nas outras caixas também?

Seria a distração perfeita do vazio do meu apartamento. Ficar sozinha o tempo todo estava me afetando, e aquele era o tipo de interação segura que eu conseguiria tolerar.

— O que acha de um emprego de meio período? — propôs Cassie.

— Não precisa me pagar. Fui eu que tirei todos os livros das prateleiras.

— Mas a ajuda seria bem-vinda, e eu ficaria feliz de ter companhia.

Hesitei. Poderia ser bom ter um emprego de meio período, uma maneira de interagir com algum propósito.

— Tudo bem. Eu adoraria.

Alguns dias depois, eu estava sentada ao caixa do Serendipity. Era meu terceiro turno oficial em três dias. Eu tinha terminado de colocar os livros nas prateleiras; agora estava catalogando todos no computador de Cassie. Era um trabalho lento, mas que tornaria as coisas muito mais fáceis no futuro. Coloquei um livro antigo na mesa à minha frente. Havia um capítulo interessante, apesar de desatualizado, sobre práticas de modificação corporal em várias culturas. Abordava escolas de

pensamento antiquadas sobre “comportamentos marginais” que agora tinham se tornado quase comuns.

Completamente absorta, não ouvi o sininho da porta tocar, encoberto pelos acordes de jazz que vinham do café adjacente. Quando uma sombra passou sobre meu livro, olhei para cima, assustada, e dei de cara com Hayden bem na minha frente, um sorriso curioso brincando em seus lábios grossos.

Além do piercing na sobrancelha e das argolas no canto esquerdo do lábio inferior, a primeira coisa que notei foram seus olhos. Eram incrivelmente azuis. Não um azul cor de mar ou cor de céu, nem mesmo um azul-acinzentado. Eram claríssimos e pálidos, de uma intensidade chocante em contraste com o cabelo e os grossos cílios escuros. Ele era lindo de doer, de uma maneira severa, atípica. Exatamente como eu imaginava que fosse. E não era apenas o rosto.

O sonho voltou com tudo, e eu gaguejei um cumprimento enquanto imagens do rosto e das mãos dele entre minhas coxas passavam pela minha cabeça. Ele era mais alto do que eu tinha imaginado, assomando sobre mim. Usava uma calça jeans escura e uma camiseta de mangas curtas com a logo do Inked Armor. A camiseta estava justa no peito, destacando os músculos definidos e dando à minha imaginação uma visão mais precisa do que havia por baixo.

Nos braços dele via-se tinta, tinta e mais tinta, mas eu estava nervosa demais para conseguir focar naquilo. Acabei me atrapalhando com o livro à minha frente, que caiu, batendo no balcão com um ruído. Meu café com leite e caramelo tombou, derramando o líquido pegajoso em todas as páginas.

Apavorada, limpei depressa a bagunça com uma pilha de guardanapos. Não consegui olhar para ele quando se aproximou para me ajudar, nem quando se desculpou por ter me assustado. Ainda bem que Cassie me poupou de mais humilhação, voltando para a loja. Saí de trás do balcão e passei correndo pela porta que levava ao porão, parando no patamar da escada por alguns minutos para acalmar meu coração acelerado. Eu ouvia o timbre grave da voz dele, que conversava com Cassie.

Agora que eu tinha uma imagem clara de seu rosto e seu corpo e conhecia o tom de sua voz, fiquei preocupada com o que minha mente ia fazer com aquilo. Permaneci na segurança do porão até encontrar o abajur que Cassie andava procurando.

Na semana seguinte, Hayden apareceu todos os dias em que trabalhei. Em algumas oportunidades, mais de uma vez. Em várias ocasiões eu estava entocada no porão, lutando contra a bagunça. Aquilo era tanto bom quanto ruim; ao menos não tive nenhuma chance de passar vergonha de novo. Infelizmente, aquilo também significava que eu não tinha conseguido saciar o desejo insistente de dar uma olhada melhor na arte dos braços dele. Ou em seu rosto maravilhoso.

Eu sempre sabia quando ele estava na loja. Hayden andava de um jeito peculiar, as solas de seus coturnos batiam pesadamente no piso desgastado, sua

rota era previsível. Ele sempre parava no caixa primeiro, para conversar com Cassie, depois ia até o café. Após pegar bebidas, voltava para papear com Cassie de novo. Às vezes trazia café ou chá para ela.

Hoje tive uma trégua do porão. Cassie havia arrumado algumas caixas de livros em um leilão. Escondida atrás das pilhas, fiquei sentada entre os livros, organizando-os por assunto. Era um trabalho relativamente bobo, o que permitia que meus pensamentos vagueassem em direção ao Inked Armor e a Hayden. O sonho com ele ficava ressurgindo durante o dia, principalmente quando eu não estava ocupada, perturbadoramente vívido em detalhes visuais e lembranças sensoriais.

Quando o tilintar do sino acima da porta me avisou que alguém estava entrando na loja, eu congelei, procurando ouvir o som dos coturnos dele. Como não escutei nada além dos acordes suaves de jazz, continuei separando os livros. Às vezes, Lisa, a menina de cabelo rosa do Inked Armor, vinha ao Serendipity. Gentil e simpática, sempre parava para conversar.

Ela havia me convidado para ir até o estúdio dar uma olhada nos piercings, depois que eu expressara meu interesse em colocar um no nariz. Enquanto estava sentada ali, pensando nessa ideia, ouvi o murmúrio baixo de vozes.

Eu me levantei, abafando um gemido quando meu quadril começou a doer. Eu tinha ficado sentada na mesma posição por tempo demais. A dor eclipsou tudo por um momento, e me segurei à prateleira para me apoiar. Enquanto esperava a sensação diminuir, espiei por uma fresta entre os livros. Hayden estava na loja. Ele olhou na direção das pilhas de livros e eu dei um passo para trás, apesar de estar bem escondida. Meu coração bateu forte no peito e fechei os olhos para evitar o medo e a vergonha de ter cogitado a possibilidade de ele estar me procurando.

O que eu estava fazendo era ridículo; me escondendo de alguém que eu nem conhecia, só porque tinha sonhado com ele. Imagens de Hayden totalmente vestido entre minhas coxas surgiram no interior das minhas pálpebras. Suprimi aquilo e me virei para conferir se ele ainda conversava com Cassie e vi que não.

Com um misto de decepção e alívio, voltei a organizar os livros, movendo-me pelo corredor para ter uma visão melhor da porta.

Como eu esperava, Hayden voltou à loja alguns minutos depois, parando para conversar com Cassie antes de ir embora. Ao sair, ele usou o quadril para abrir a porta, as mãos ocupadas com a bandeja de cafés e uma sacola de petiscos. Abriu um sorriso lentamente quando seu olhar me encontrou. Apertei os livros contra o peito, congelada em seu olhar azul claríssimo.

— Vejo você amanhã — disse ele, olhando para mim.

Alguns minutos depois, Cassie apareceu e me entregou um café.

— Obrigada.

Inspirei profundamente. Era um café com leite e caramelo.

— Não me agradeça. Foi Hayden quem trouxe para você. Ele disse que era para compensar pela última vez.

Tomei um gole para esconder o sorriso.

Aquela noite, sonhei com ele de novo. Dessa vez vi cada linha de tinta, senti aquelas argolas do lábio dele contra minha pele enquanto ele passeava a boca pelo meu corpo. Quando gozei, dessa vez, não estava dormindo.



HAYDEN

As duas meninas sentadas à minha frente marcavam o início oficial do que chamávamos de “temporada dos calouros” no Inked Armor. Todo ano, por volta dessa época, havia uma enxurrada de universitários querendo se tatuar. Aquelas duas pareciam apavoradas, de queixo caído, embora suas roupas fossem bem mais escandalosas que minhas tatuagens e meus piercings juntos.

A da direita, de cabelo cor de berinjeleira, era a porta-voz das duas. Eu já sabia de onde eram, o que estudavam na Universidade de Chicago e que eram “melhores amigas”, apesar de terem se visto pela primeira vez, “tipo, na vida”, na semana anterior.

Vestida de preto, a de cabelo roxo também usava um delineador azul cintilante e um batom da mesma cor. Ela era uma mistura de frequentadora de rave com emo. A amiga quietinha tinha os olhos contornados por um delineador negro e seu cabelo preto-azulado era raspado de um lado. O esmalte nas unhas descascadas era de um tom de roxo mais escuro que o de sua boca. Não havia piercings visíveis em nenhuma das duas, fora as caveiras cor-de-rosa fluorescente, iguais em suas orelhas. Ao menos não eram aquelas patricinhas com que eu tinha que lidar de vez em quando naquela época do ano.

A mais tímida queria fazer uma tatuagem. Como elas estavam olhando a parede com o catálogo das tatuagens que já fizemos antes de virem conversar comigo, eu não esperava que aquilo fosse ser interessante. Apesar de ter enrolado com meu último cliente, eu tinha terminado antes dos meus colegas, então aquelas duas maravilhas eram problema meu. O que significava que eu não poderia atravessar a rua para pegar um café, como queria. Mas, se eu pudesse agilizar as coisas, talvez tivesse tempo de dar um pulo no Serendipity antes do meu próximo cliente.

— Tem algum desenho em mente? — perguntei quando houve meio segundo de pausa na falação constante da Lábios Cintilantes.

— Meu Deus! É claro que ela tem! — gritou Lábios Cintilantes, animada. — Mostre para ele. — Em sua empolgação, quase derrubou a amiga da cadeira.

Fiquei positivamente surpreso por ela ter uma ideia do que queria. Minha

opinião sobre as duas mudou um pouco, e dei a ela um sorriso autêntico e encorajador.

A menina vasculhou sua bolsa Hot Topic e puxou um fichário preto. Pegou um pedaço de papel com a ponta amassada, alisou-o e o colocou na mesa entre nós.

Olhei para a imagem e mordi meu piercing da língua para não rir alto. No papel pautado havia uma réplica de uma famosa gata de desenho animado usando uma estranha fantasia de fetiche. Com um chicote. Apesar do conteúdo de merda, era um esboço bastante razoável.

— Você que desenhou? — perguntei.

— Jenny está cursando artes. Ela adora anime — respondeu Lábios Cintilantes.

— É mesmo?

Jenny assentiu.

Muito falante, essa menina.

— Posso trabalhar com isso. Onde você vai querer fazer?

— Ela quer no quadril — intrometeu-se Lábios Cintilantes, de novo. — Sabe, para o chicote ficar... Você sabe.

— Michelle! — sibilo Jenny, suas bochechas ficando vermelhas.

— O que foi? É lá que você quer — retrucou Lábios Cintilantes, também sussurrando. Como se desse para eu não ouvir, com o meio metro que nos separava.

Apoiei um cotovelo na mesa e o queixo na mão, em fascinação contemplativa.

— Não sei se entendi bem.

Jenny se aproximou, sua voz pouco mais alta que um sussurro:

— Para fazer parecer que o chicote está... — Ela fez um movimento de chicotada com o pulso e então apontou para as coxas.

— Ah, certo. — Assenti, muito sério. — Para parecer que a gata está chicoteando sua gatinha. Entendi.

O rosto de Jenny ficou ainda mais vermelho. Por mais divertido que fosse, eu não queria que elas pensassem que eu não levava a sério o desenho escolhido. Apesar de não ser particularmente do meu gosto, eu faria o melhor possível para que ficasse bonito nela. Também estava curioso para saber o que havia por trás daquela fachada silenciosa e despreziosa da garota.

Desviei a atenção da coitada envergonhada da Jenny e fiz uma pergunta a Michelle:

— Nada de tinta em você hoje?

Os olhos dela se arregalaram.

— De jeito nenhum, meu pai me mataria se eu fizesse uma tatuagem.

Eu ouvia muito isso, em geral pouco antes de a pessoa se sentar na minha cadeira... ou de desistir da tatuagem. Não conseguiria nem começar a contar quantas vezes um cliente voltava, meses depois, para fazer o desenho que tinha deixado de lado.

Baixei o tom de voz, como se conspirasse com elas:

— Ele não precisa saber. Tem muitos lugares para se esconder uma tatuagem.

Ela piscou e engoliu em seco audivelmente, seus olhos descendo pelo meu pescoço, onde um ramo de videira aparecia por baixo da gola da camiseta.

— Quem sabe outra hora, então.

Eu me volvei para Jenny, que roía as unhas, nervosa.

— Quer fazer isso hoje? — perguntei. — Posso encaixar você.

Ela baixou a mão para o colo e concordou com a cabeça.

Depois de ter definido os elementos críticos, como cor e localização (embora, pela indicação de Jenny da própria virilha, eu soubesse bastante bem onde a tatuagem ia ficar), eu as mandei para o outro lado da rua, para o Serendipity. Assim elas podiam tomar uns cafés e dar uma olhada em livros e artigos retrô enquanto eu adaptava o rascunho. Não precisava da tagarelice incessante de Lábios Cintilantes me distraindo.

Elas saíram, e eu comecei a trabalhar. Tinha acabado de passar das cinco. Meu próximo cliente estava marcado para as sete, mas o desenho de Jenny era pequeno e provavelmente não demoraria muito, então eu esperava conseguir fazer uma pausa curta para um café. E dar mais uma olhada na garota que minha tia Cassie tinha contratado havia pouco tempo. Aquela menina era gostosa, apesar de arisca.

Finalizei o desenho da gata chicoteadora e arrumei a sala privativa. Jenny estava elétrica quando elas voltaram. Eu não sabia dizer se tinha sido nervosismo, animação ou cafeína demais o que a deixara tão agitada. Encaminhei as duas para a sala privativa e tentei acalmar Jenny, explicando todo o processo. Difícil dizer se ela assimilou alguma coisa do que falei, mas parecia um pouco mais relaxada quando pedi que abaixasse o cós da saia.

Ela tirou o tecido do caminho e expôs a calcinha simples, de algodão branco. Lábios Cintilantes se intrometeu e abaixou a calcinha de Jenny também, deixando à mostra mais que o necessário. Tive uma confirmação súbita de que Jenny era loira natural, nada perto do preto-azulado em sua cabeça. Mas não foi isso que chamou minha atenção. Debaixo daquela camisa larga e da saia folgada, ela era dolorosamente magra, os ossos de seus quadris protuberantes. Um desses tipos magricelas, que não têm nem um grama de gordura corporal para amortecer a picada da agulha. Isso seria péssimo para ela.

Apesar do que a tatuagem sugeria, ficou claro que Jenny se sentiu desconfortável pela maneira abrupta com que sua amiga ultrazelosa arrancou sua calcinha. Agi como se nada tivesse acontecido e continuei falando enquanto transferia o estêncil para a pele dela.

Jenny tinha uma resistência baixa à dor. Isso ficou notoriamente óbvio quando comecei o contorno — e essa era a parte fácil. Tive que parar quatro vezes e deixar que a amiga dela a confortasse para então continuar de onde tinha parado.

O que deveria ter levado trinta minutos acabou levando mais de uma hora.

Quando, por fim, terminei o pós-tratamento da tatuagem e mandei Jenny e a amiga tomarem seus rumos, já tinha passado das seis e meia.

Esfreguei a nuca e suspirei.

Lisa, responsável pelos piercings, estava empoleirada em um banco atrás do balcão do caixa, polindo uma bandeja de joias de nariz. Ela me lançou um olhar com empatia.

— Achei que essa fosse ser rápida.

— E era para ser. Baixa resistência à dor.

— Dava para perceber. A menina era só osso — respondeu ela.

Bufoei, mas não fiz nenhum comentário. Havia uma pilha de livros na beirada do balcão de vidro. Dei uma olhada neles.

— São para você. Tenley trouxe.

— Quem? — perguntei. Aquele era um nome exótico.

— Tenley. A garota que a sua tia contratou.

— Ela esteve aqui? Ela trouxe isso para mim? — Ergui os livros. — Por que você não foi me chamar?

— Você estava no meio de uma tatuagem. — O tom de voz dela condenava a estupidez da minha pergunta.

— Quanto tempo ela ficou aqui? — Eu não conseguia acreditar que tinha perdido a visita dela.

— Uns cinco minutos, talvez mais. Ela deixou os livros, eu mostrei alguns piercings, a apresentei ao Chris e ao Jamie e ela voltou para o trabalho.

— Você a apresentou ao *Chris*? — perguntei.

Eu não me preocupava com Jamie. Ele e Lisa estavam juntos desde sempre. Já Chris, meu outro sócio e a terceira parte da nossa tríade de tatuadores, dava em cima de qualquer coisa viva. Geralmente se comportava bem com as clientes, mas nem sempre.

Lisa me olhou como se eu estivesse maluco.

— Ele estava bem ao meu lado quando ela chegou. É claro que eu apresentei.

— Ele deu em cima dela?

— Não. Ele não deu em cima dela. — Lisa me olhou de um jeito estranho.

Olhei ao redor. Chris não estava em sua estação de trabalho.

— E onde é que ele está?

— Saiu para comprar o jantar no restaurante tailandês aqui da rua. O que deu em você? Por que está tão estranho?

— Não estou estranho. — Passei a mão pelo cabelo, tentando pensar no que eu queria dizer. Eu *estava* agindo de um jeito totalmente estranho, sem fazer ideia do motivo. — Aquela menina é... sei lá...

— Gostosa? — perguntou Lisa, olhando fixamente para mim.

Hesitei por um segundo antes de dar uma risada irônica.

— Esquece. Ela trabalha para Cassie. Só não quero Chris todo animadinho.

— Não acho que ela seja o tipo do Chris. Não é loira — disse Lisa, guardando a bandeja de piercings de volta no lugar.

— É. Mas mesmo assim.

Eu não queria que aquela garota fosse a exceção do Chris.

Desconfortável com a maneira como Lisa estava me olhando, fiquei remexendo os livros. Eram todos obras de filosofia, mas não a específica que eu tinha pedido.

— Sabe, Hayden...

O tilintar da porta a interrompeu. Chris entrou, gritando:

— Jantar!

Ele largou os sacos de comida no balcão e começou a tirar o conteúdo. Eu só tinha vinte minutos antes do cliente seguinte, o tempo exato para comer sem ter que apenas engolir a comida. Se eu tentasse ir ao Serendipity, Lisa começaria a fazer perguntas. Não precisava ativar o radar dela ainda mais. Além disso, aquela Tenley estava no Serendipity quase todos os dias. Eu podia dar um pulo lá no dia seguinte.

Na tarde seguinte, tive um intervalo entre dois clientes, então corri até o Serendipity. A nova funcionária de Cassie estava lá. Eu não precisava vê-la para saber disso; senti seu perfume, ou hidratante, ou o que quer que ela usasse que tinha um cheiro tão bom. Como cupcakes. Que eu adorava.

Tentei bravamente ignorar a bagunça enquanto olhava ao redor, procurando por ela no antiquário. Ela estava escondida. De novo. A última vez que eu a vi de perto tinha sido quando ela derrubara café com leite em um livro e saíra correndo. Ela estava lendo sobre modificação corporal, o que eu achei legal.

Uns dias antes, eu tinha comprado um café para Tenley, para compensar, pensando que aquilo me daria uma chance para me apresentar ou algo assim. Aquele plano tinha ido por água abaixo quando Cassie pegou o café e se ofereceu para entregá-lo por mim. Disse isso abrindo um daqueles sorrisos em que eu não confiava. Apesar de eu ter visto Tenley de longe, desde então minhas tentativas de chegar perto dela tinham sido malsucedidas. Ela parecia estar sempre no porão quando eu passava por ali, e isso era irritante.

Cassie estava sentada ao balcão, a caneta parada no ar.

— Procurando alguma coisa, Hayden?

— Só a minha tia favorita.

— Mentiroso.

Merda. Talvez ela tivesse me sacado.

— Por que mentiroso? Só queria dizer um “oi” antes do meu próximo cliente.

— Aham.

Ela parou de olhar para a tela do computador, anotou alguma coisa no bloco de

papel à sua frente e me lançou um olhar desconfiado.

Ignorei, preferindo acreditar que eu não era nem de perto tão transparente quanto começava a me sentir.

— Obrigado por me mandar aqueles livros ontem.

— Ouvi dizer que você estava ocupado com uma cliente.

— Sim. — Fiquei surpreso por ela saber isso. — Eu, é... Vou dar uma olhada na seção de filosofia para ver se você tem alguma coisa nova.

— É claro.

Ela fez um aceno com a mão, sorrindo daquele jeito gentil até demais. Eu tomei a direção dos fundos da loja, torcendo para encontrar sua nova funcionária.

— Tenley está no porão.

Parei. E me virei.

— O quê? — perguntei, me fazendo de desentendido.

— A menina que eu contratei. Aquela que você fica vindo ver, sabe? — As sobranceiras dela se ergueram, desafiadoras. Como eu não disse nada, ela continuou: — Ela está no porão, arrumando alguns produtos novos.

— Certo. — Ignorei a provocação sobre minhas visitas frequentes e o motivo delas. — Ela está se saindo bem?

— Ela ajuda bastante. Mas provavelmente vai ter que reduzir a carga horária quando o período começar.

— Ela é estudante?

— Aham. Faz mestrado na Northwestern. Acho que é uma bolsa de estudos.

A mensalidade de lá é cara, então uma bolsa não era pouca coisa. Significava que ela, além de gostosa, era inteligente.

— Ah. Ela mora aqui por perto?

Cassie largou a caneta e me lançou um olhar especulativo.

— Você está fazendo muitas perguntas hoje.

Dei de ombros.

— Você nunca contratou nenhum ajudante. Fiquei curioso.

Cassie apontou para o teto.

— Aluguei o apartamento aqui de cima para Tenley. Ela se mudou faz poucas semanas.

Pisquei.

— Sério?

Que conveniente, já que eu morava do outro lado da rua, em um apartamento em cima do Inked Armor.

— Ela é de Minnesota — contou Cassie, divulgando mais uma informação.

Era como se ela estivesse balançando cupcakes na minha frente; não tinha como eu não querer mais.

— Cidade pequena?

— Algum lugar nos arredores de Minneapolis, eu acho. Sabe, Hayden, você podia simplesmente conversar com ela e conseguir todos esses detalhes.

Eu me lembrei da primeira reação dela a mim: o café derramado, a fuga rápida. Se ela vinha de alguma cidadezinha desconhecida, eu provavelmente a assustava pra caramba.

— É. Não sei não.

— Ela não conhece muitas pessoas aqui. Seria bom para ela, ter um amigo.

Eu tinha bastante certeza de que não daria um bom amigo, considerando que já estava tendo uma semiereção só de falar nela.

— Ela tem conversado com Lisa — falei.

Lisa era uma boa pessoa para Tenley conhecer. Além de Cassie, era a única mulher que eu considerava uma amiga próxima. Ela era como uma irmã para mim.

Meu celular vibrou no bolso. Dei uma olhada no número.

— Parece que meu cliente chegou mais cedo. Preciso pegar o café da Lisa e voltar ao trabalho. Vejo você depois.

Atravessei o Serendipity até o café, pedi as bebidas e voltei, passando pela loja para o caso de haver alguma chance de Tenley ter aparecido magicamente enquanto eu estava fora.

Quando passei por Cassie, ela ergueu os olhos da papelada no balcão para me lançar um olhar.

— Ela trabalha amanhã às quatro. Caso você esteja pensando em dar outro pulo aqui.

Apenas acenei e abri a porta.

Terminei com o último cliente pouco depois das dez. Chris estava querendo curtir a noite e eu estava agitado o suficiente para acompanhá-lo. Eu não era mais muito fã da cena noturna, mas precisava relaxar. Com a temporada de calouros começando, o fluxo constante de gente que aparecia sem marcar horário não acabaria tão cedo. Sair era uma boa maneira de desviar meus pensamentos dos desenhos sem graça que estavam por vir.

Trancamos o estúdio e andamos os três quarteirões até o bar. Era uma noite movimentada, os universitários estavam amontoados feito sardinhas. Chris guiou o caminho pelo meio da multidão, abrindo espaço por entre pessoas como se fosse o mar Vermelho. Chris era um cara grande. Apesar de termos mais ou menos a mesma altura, ele era mais largo e mais musculoso, o que era muito, já que eu não sou exatamente magricelo. Ele não curtia muito piercings, mas era coberto de tatuagens. Quando não estava sorrindo, o que fazia a maior parte do tempo, ele era assustador pra caralho.

Chris procurou algum atendente. Do outro lado estava um cara sebo com cara de bebê; com certeza teríamos que esperar uns cinco minutos para sermos

atendidos por ele. A apenas alguns metros, uma loira falsa plastificada e com peitos duvidosamente verdadeiros acenou para Chris. Ele se aproximou, os olhos descendo para o peito montanhoso dela enquanto pedia duas rodadas de cervejas. Como ele era previsível. Brindamos a primeira e viramos de uma vez. A segunda, tomamos mais devagar. Mesmo assim, não demorou muito para eu chamar a bartender de novo e pedir mais uma rodada. Com a cerveja na mão, me virei para olhar a pista de dança. Um hardcore agressivo explodia pelas caixas de som, tornando impossível conversar. Não que Chris quisesse conversar; estava ali para conferir a mulherada. Eu estava ali para manter minha mente longe de outras coisas. Mas não estava funcionando muito bem.

— Você está bem, Hayden? — gritou Chris por cima da música.

— Sim, tudo bem. — Bati a cerveja na dele e dei um gole.

Agora que estava ali, eu não sabia se queria ficar. A princípio, o plano era evitar ir para casa. Em geral eu ficava ansioso para me ver sozinho, mas a ideia de voltar para aquele espaço vazio não tinha me atraído naquela noite, então ali estava eu.

Uma garota de cabelo escuro e comprido atravessava a multidão. Quando a luz bateu em seu rosto, senti uma estranha pontada de decepção. Eu reparava em todas as mulheres que se encaixavam remotamente na descrição de Tenley, para o caso de ela estar ali. O que era idiota, considerando o número de boates, pubs e bares no centro de Chicago. Mas isso não me impedia de olhar.

Caramba, eu realmente precisava de um hobby.

— O que você tem ultimamente? Tem alguma coisa acontecendo que você não está me contando?

— Não. Só estou entediado — respondi, tomando um grande gole de cerveja.

— Então fique com alguém. Isso deve ajudar. — Chris sorriu.

Eu duvidava muito, mas não expressei essa opinião.

Ele conversou com algumas garotas enquanto bebia cerveja, procurando pela eleita daquela noite. Já tinha recusado duas. A garota com quem Chris estava agora era uma dessas já alcançando a meia-idade, que caçam homens mais novos, mas isso não importava para ele.

Ela colou nele e ficou babando em suas tatuagens. Ouvi quando a garota perguntou se havia mais debaixo da camiseta. O convite inevitável — Chris se oferecendo para levá-la ao apartamento dele, para uma exploração mais detalhada — veio em seguida. Ele teria sorte se conseguisse chegar até lá; a mulher estava praticamente montando nele bem ali no bar. A provável fornecedora de orgasmos de Chris não era alguém que eu consideraria levar para casa. Seu cabelo oxigenado e seus lábios cheios de colágeno lembravam demais alguém com quem eu tinha me envolvido.

Quando vi a mão dela migrar para o sul e apalpá-lo abaixo do cinto, decidi que era hora de ir embora. Não pretendia levar ninguém para minha casa, nem ir

para a casa de ninguém. Eu costumava aproveitar aquelas oportunidades quando apareciam, o que era frequente, mas no último ano tinha passado a achar a ideia cada vez menos atraente. Realmente não conseguia me lembrar da última vez que tinha ido para casa com alguém só para transar. Mesmo antes, quando fazia isso, eu nunca tinha passado a noite na casa de uma garota. Era só uma questão de fazer a mulher gozar, entrar, gozar, e ir embora. Sem trocar telefones. Sem prometer ligar.

Cutuquei Chris.

— Estou indo.

Ele olhou para mim franzindo a testa, tornando os traços fortes de seu rosto quase sinistros.

— Tem certeza? Ela tem umas amigas, caso você queira ficar.

Ele inclinou a cabeça na direção de outras duas mulheres, ambas nos observavam, conversando entre si. Nenhuma delas parecia muito preocupada com a amiga.

— Obrigado, mas estou tranquilo. — Virei o restante da cerveja. — Vejo você amanhã.

Abriendo caminho por entre corpos suados e dançantes, acabei com uma bunda pressionada no meu pau. A menina estava bêbada demais para saber o que estava acontecendo. Ela olhou por cima do ombro, olhos se arregalando em choque enquanto assimilava minha aparência. Então se virou, e o que ainda restava em seu copo de plástico foi derramado no meu braço e na minha camiseta. Ela balbuciou um pedido de desculpas e limpou meu braço com a mão, como se isso fosse ajudar. Eu me afastei, sem querer que ela me tocasse, e continuei rumo à saída.

Não fui abordado de novo no caminho, o que foi bom, porque minha paciência estava se esgotando. O ar do lado de fora da boate estava tão úmido quanto antes, mas um pouco menos opressor. Minha camiseta estava molhada da bebida derramada e, apesar de meu braço estar quase seco, a pele estava grudenta do coquetel de frutas.

Levei apenas 15 minutos para chegar em casa a pé, mas não foi o bastante. Eu estava tenso naquela noite, e minha pele parecia apertada. Era tarde demais para ir correr, e, como eu tinha tomado quatro cervejas, não teria coordenação suficiente para encarar a esteira da academia do prédio. Comprovei esse fato ao parar na frente do edifício e me atrapalhar com o chaveiro, deixando-o cair na calçada.

Quando levantei, meus olhos passaram pelos apartamentos acima do Serendipity. O da direita estava ocupado havia algum tempo, mas o da esquerda só estava ocupado havia algumas semanas. Agora, graças à minha tia, eu sabia quem morava lá.

Algumas luzes do apartamento estavam acesas, as janelas totalmente abertas.

Música escapava por elas, baixa demais para que eu conseguisse reconhecê-la. As cortinas balançaram com uma rajada de vento e grudaram o tecido contra a tela antes de inflá-lo de novo. Ia chover naquela noite. Eu sentia isso pelo ar pesado e denso do verão.

Peguei o chaveiro e abri a porta, entrando no saguão com ar-condicionado. Subi as escadas até o segundo andar em vez de pegar o elevador. Quando cheguei ao apartamento, tranquei a porta e guardei os sapatos no armário. Então acendi as luzes e dei uma geral em tudo: cozinha, sala, corredor, banheiro, quarto de hóspedes, suíte. Depois que todos os cômodos tinham passado pela minha inspeção visual, voltei à cozinha e me servi um copo d'água. Tudo estava como eu tinha deixado: limpo, organizado, nada fora do lugar. Após beber toda a água em um gole só, enchi o copo de novo e o levei para o quarto. Coloquei-o sobre um porta-copos para evitar que a superfície de madeira da mesa de cabeceira ficasse marcada, porque eu sou paranoico com esse tipo de merda.

Fui até a janela, planejando fechar as cortinas antes de ir tomar banho. O Serendipity era do outro lado da rua, à direita, uma casa de dois andares reformada, espremida entre um edifício residencial baixo e um prédio comercial de três andares.

Meu apartamento no segundo andar me dava uma visão perfeita do apartamento de Tenley. As cortinas ainda estavam abertas, permitindo ver tudo lá dentro. Ela tinha umas porcarias de móveis, o que fazia sentido, já que era estudante. Havia um sofá e uma poltrona com uma mesa de centro, mesinhas de apoio de cada lado do sofá, com pequenos abajures dando um brilho suave à sala. Prateleiras cobriam a parede dos fundos. Uma TV de tela plana estava pendurada na parede oposta.

Eu estava prestes a fechar a cortina quando ela apareceu, vindo do corredor. Eu conhecia aquele apartamento, já tinha estado lá, quando meu tio Nate o comprara. Era uma pocilga habitada por viciados. Nate tinha melhorado substancialmente o bairro ao se livrar daqueles maloqueiros e começar as reformas. Eu ajudei a limpar a casa. Naquela época, estava lutando com meus próprios demônios, e ver como era o fundo do poço foi um puta de um alerta.

Tenley foi até a geladeira e abriu o congelador. Pegou uma forma de gelo e uma garrafa, mas foi a roupa dela que chamou minha atenção. Ela usava um short bem curto e justo, revelando uma bela visão do contorno de sua bunda. A regata branca não dava muito espaço para a imaginação, com alças tão finas que eram quase invisíveis dali. Se eu apertasse os olhos, ela parecia quase pelada. Mas todas as partes importantes estavam cobertas, especialmente aquelas em que boa parte das garotinhas inocentes esconde sua arte corporal. Tenley podia ser uma dessas, mas eu preferia a ideia de que ela não tinha nenhuma tatuagem. Não pensei por que aquilo importaria.

Em vez disso, como um pervertido, fiquei observando-a preparar um drinque.

Uma hora ela abriu a porta da geladeira e a luz interna acentuou cada linha e cada curva de seu corpo esbelto. Ela ficou ali um bom tempo, depois se curvou para a frente. Por um segundo desejei ter binóculos; então percebi que imbecil eu seria de fazer aquilo.

Mas isso não me impediu de ficar duro ou de esperar que ela terminasse de preparar o drinque e desaparecesse pelo corredor antes de fechar a cortina. Mesmo então, continuei na janela, esperando que ela tivesse esquecido alguma coisa e reaparecesse. Quando pingos de chuva começaram a respingar na vidraça, finalmente me virei.

Tirei as roupas e as joguei nos cestos organizados por cores, no closet. Então fui para o banheiro. Queria tomar um banho antes de ir para a cama. Regulei a luz para que ficasse em um ponto ameno antes de ligar o chuveiro. Enquanto esperava esquentar, escovei os dentes. O banheiro já estava tomado pelo vapor quando entrei debaixo da água quente.

Fiquei olhando para meu pau, que estava em pé e alerta sem nenhuma intenção imediata de sossegar. Eu atribuía aquilo parcialmente à roupa de Tenley, embora também se tratasse de um condicionamento pavloviano, parte da minha rotina diária: acordar, tomar banho, bater uma, ir trabalhar, voltar para casa, tomar banho, bater uma, ir para a cama. Era como comer: às vezes, por mera formalidade; às vezes, por prazer; sempre por necessidade. Andar por aí com uma semiereção o dia todo não era apenas desconfortável, era antiprofissional e constrangedor.

Não dei um jeito na minha ereção logo de cara, apesar de querer. Primeiro lavei o cabelo e me ensaboei. Enquanto isso, fiquei repassando os acontecimentos do dia: das sessões de tatuagem à conversa com Cassie sobre sua nova funcionária até a porcaria da ida ao bar, finalmente parando na imagem de Tenley em frente à geladeira com sua roupa quase nula.

Tinha passado o dia todo agitado pra caralho, ainda mais depois da ida ao Serendipity. Aquilo me lembrava da época anterior à minha recuperação, quando eu não conseguia sossegar porque estava atrás de uma dose. Só que agora não era uma dose do tipo químico que eu queria, mas um corpo quente e nu de uma mulher. Olhei para meu pau de novo. Agora ao menos ele tinha um motivo válido para estar tão duro quanto uma barra de titânio. Aquela fixação com Tenley era ridícula, e eu só a tinha piorado ao espionar a garota na privacidade da própria casa.

Suspirei, peguei o condicionador e coloquei um pouco na mão. Segurando minha ereção com firmeza, cobri meu pau com a substância escorregadia. Baixei a cabeça ao apoiar a outra mão na parede e começar a me tocar. O alívio foi instantâneo.

Tentei desligar meu cérebro, me focar apenas na sensação, mas não conseguia tirar a imagem de Tenley da minha cabeça. A luz interna da geladeira tinha

criado uma aura em torno do corpo curvilíneo e esbelto, fazendo-a parecer um anjo seminu. Ou uma pin-up. Deixei minha mente levar a fantasia para onde ela quisesse ir. O short se transformou em uma calcinha de renda, mas manteve a regata porque era branca e eu tinha planos para ela.

Na minha imaginação, ela tirava uma garrafa d'água da geladeira. Fechei os olhos com força e continuei me masturbando, acelerando à medida que Tenley destampava a garrafa, a levava à boca e bebia a água. Uma trilha fina escorria por seu queixo, pingando em seu peito e entre seus seios, que na minha mente eram empinados, com mamilos pequenos e delicados. Os pingos se transformavam em uma corrente, que virava uma cascata — uma cachoeira encharcando aquela regata branca e aquela calcinha de renda, me mostrando exatamente o que havia por baixo.

Gozei com tanta intensidade que minhas pernas quase cederam.

Fiquei parado ali por um tempo, ofegando, o rosto contra o azulejo, sem saber ao certo o que tinha acabado de acontecer. Eu mal tinha coordenação para desligar o chuveiro. Quando finalmente consegui me mexer, saí do boxe e me sequei de qualquer jeito, ainda me recuperando da cena que meu cérebro tinha criado.

Apaguei as luzes, cheguei à cama e me larguei no colchão, torcendo para pegar no sono de imediato. Mas não consegui. Fiquei deitado ali por uns dez minutos antes de perceber que a névoa do sono pós-orgasmo tinha se esvaído. Então me virei de barriga para cima e olhei para baixo, perplexo ao notar que a barraca ainda estava armada por baixo dos lençóis. Eu queria que ela baixasse, mas não baixou. Talvez eu não devesse ter prolongado a espera antes. Talvez fosse como uma reserva ou algo assim. Mas eu não ia ceder. Podia esperar até de manhã.

Vinte minutos depois, eu ainda estava acordado, mas ao menos minha ereção tinha ido embora. Quase. Eu sabia qual era o problema, mesmo que não quisesse admitir. De alguma forma, aquela garota tinha montado acampamento no fundo da minha mente e eu não conseguia tirá-la de lá.

Só que agora eu não estava pensando nela nua. Estava apenas pensando nela; em sua expressão quando estava concentrada, no seu cheiro incrível. O que era incomum, porque eu nunca tinha ficado a fim de alguém desse jeito antes. Geralmente, quando eu batia punheta, era pensando em corpos sem nome e sem rosto.

Mas eu podia resolver aquela obsessão idiota rapidinho. Era só conversar com ela. Na próxima vez que eu fosse ao Serendipity, ia descobrir que ela era apenas mais uma pirralha universitária insípida e pretensiosa e esqueceria aquela fantasia. Só que eu já sabia que ela era inteligente. Não sabia se era arrogante, mas Cassie dificilmente contrataria alguém assim. Enfim. Tenley ia trabalhar no dia seguinte. Eu poderia observá-la melhor.

O fato de eu saber os horários dela deveria ser um indício de que meu plano era furado. Mas a negação é uma coisa engraçada. Permitia que eu justificasse as imagens que andavam pela minha cabeça, nem todas vividas, mas sempre envolvendo Tenley. E, se eu fosse realmente honesto comigo mesmo, coisa que eu raramente era, admitiria que não queria que a ilusão se desfizesse.

Porque, de repente, meu exílio controlado e autoimposto não parecia mais tão atraente.

Pela primeira vez em anos, eu queria... alguma coisa. Qualquer coisa. Desde que fosse real.

Vá para a outra página para dar uma espiadinha em como
tudo começou para Hayden e Tenley



HELENA
HUNTING

*À flor
da pele*

LIVRO
1

SUMA
de letras



HAYDEN

Minha cabeça doía. Uma noite mal dormida pra caramba tinha transformado o que era levemente irritante em insuportável. Entre os bandos de calouros que passavam pelo estúdio nos últimos tempos e a donzela que estava em minha cadeira naquele momento, para mim não dava mais.

Massageei a têmpora para aliviar as marteladas chatas que tinham surgido ao longo do dia. Mais dez minutos e eu terminaria o desenho, *se* conseguisse manter a concentração. Era difícil vencer essa batalha, já que estava preocupado. Depois da tatuagem de unicórnio não havia nenhuma outra sessão marcada, e ainda restaria mais de uma hora até fecharmos. Se eu desse azar, ficaria preso ali com outro desses pirralhos universitários que não marcam horário e querem um personagem de desenho estampado na pele.

Eu preferia terminar com minha cliente para poder dar um pulo do outro lado da rua, no sebo e café da minha tia Cassie. Escapadinhas para um café no Serendipity haviam se tornado meu passatempo preferido nas últimas quatro semanas, desde que Cassie contratara a garota nova. Ela era a razão de eu estar tão distraído. Não a tinha visto nos últimos dias, mesmo com o aumento de meu consumo de cafeína, e estava tentando dar um jeito nisso o mais depressa possível.

Passsei um pano úmido sobre a tinta fresca. A garota em minha cadeira estava relativamente quieta desde que eu começara a sombrear o contorno, o que era ótimo. Eu não estava com paciência para papo furado. Então, me concentrei no barulho da máquina de tatuar. Aquele som nunca me incomodava. Era calmante, como uma boa música.

Eram os outros ruídos que enchiam o saco: as conversinhas idiotas dos adolescentes, o bater de um pé nervoso no chão de madeira e, no rádio, o zumbido alto de um repórter que tagarelava as desgraças do dia. O timbre anasalado da voz dele me irritava pra cacete. Mesmo assim, eu não conseguia parar de ouvir, seduzido pelo desejo de saber que as vidas de outras pessoas estavam piores do que a minha.

— Dá para abaixar o volume? — pedi a Lisa, nossa contadora e colocadora de piercings.

— Já vai. — Ela me dispensou com um aceno, mas pegou o controle remoto.

Os outros artistas do estúdio também estavam trabalhando, concentradíssimos nos clientes. Eu parecia ser o único com dificuldade para focar. O sino da porta tilintou, me poupando de ficar ainda mais irritado. Lisa mudou o rádio de estação e batidas pesadas de rock tomaram conta do lugar, o baixo fazendo o chão vibrar. Então ela colocou a música em um volume aceitável.

Parei e dei uma olhada para a porta, rezando para que não fosse outra universitária sem sal querendo dar uma de rebelde. O cliente seguinte seria meu. Desse jeito, eu jamais conseguiria ir ao Serendipity antes de fechar.

Qualquer preocupação evaporou assim que vi a nova funcionária de Cassie. Ela segurava uma pilha de livros na altura do peito, como um escudo, o cabelo comprido esvoaçando ao redor do rosto. Seus olhos desviaram quando ela percebeu que eu estava olhando.

O nome dela era Tenley. Eu não sabia disso porque havíamos sido formalmente apresentados — embora eu tivesse falado com ela algumas vezes —, mas porque Cassie me dera essa informação quando pedi. Como uma verdadeira fonte, Cassie me contou também que Tenley era de Arden Hills, em Minnesota, e que estava fazendo mestrado na Universidade Northwestern. Mas ela não agia como uma daquelas esnobes sabe-tudo típicas das grandes universidades. Parecia bastante pé no chão, pelo pouco que tínhamos conversado. O que, verdade seja dita, não tinha sido lá muita coisa.

A primeira vez que a vi foi quase um mês atrás. Fui até o Serendipity visitar minha tia e comprar café, o que não era incomum. Já a nova aquisição da loja da Cassie... essa era. Ela estava entocada atrás do balcão com um livro sobre comportamentos marginais erguido à frente, de modo que só dava para ver seus olhos. Estava tão imersa na leitura que não ouviu o sino da porta tilintar, alertando sobre minha entrada.

Eu a assustei quando perguntei se Cassie estava por ali, como uma desculpa para observá-la mais de perto. O livro dela caiu, e, com ele, o copo de café pela metade, manchando a página com o líquido marrom. Quando me ofereci para ajudá-la a limpar, ela balbuciou um monte de coisas sem sentido e quase caiu do banco. Ela era maravilhosa, mesmo com o rosto ganhando um tom de vermelho vibrante. Cassie apareceu dos fundos da loja para ver que confusão era aquela. Aquilo pôs um fim à interação número um.

Todas as vezes seguintes em que fui até lá, ela estava ou enfurnada no porão, examinando as incontáveis caixas de aquisições para a loja, ou escondida entre as estantes, organizando os livros. Cassie não tentou me impedir quando fui até a seção de filosofia para ver se tinha algo de interessante por lá, além da garota Tenley. Encontrei-a sentada no chão com uma pilha de livros apoiados no joelho,

organizando-os em ordem alfabética antes de guardá-los nas prateleiras. Eu já estava apaixonado pelas habilidades organizacionais dela.

Fiz questão de pigarrear para evitar surpreendê-la dessa vez. Não adiantou. Ela ofegou, levando a mão trêmula ao pescoço quando olhou para mim. Tenley era estonteante: seu cabelo preto quase encostava no chão de tão comprido, seus traços eram delicados, os olhos eram cinza-esverdeados, emoldurados por cílios grossos. O nariz era perfeitamente reto; os lábios, cheios e rosados. Ela não parecia estar usando maquiagem.

— Não quis assustar você — falei, porque era verdade. Eu também olhava fixamente para ela. — Sou o sobrinho da Cassie, Hayden.

Os olhos dela me examinaram dos pés à cabeça, pausando nas tatuagens à mostra em meus braços para assimilá-las antes de continuar seu trajeto. Ela descruzou as pernas longas e esguias e se apoiou na prateleira para se levantar. Retraiu-se de leve no processo, como se estivesse sentada por muito tempo e tivesse ficado travada. Era bem mais baixa que eu, magra e com curvas suaves.

— Você é o dono do estúdio de tatuagem do outro lado da rua — comentou ela.

— Isso. — Indiquei as prateleiras. — Estou procurando *O nascimento da tragédia*.

Ela me olhou com curiosidade e passou o dedo pelas lombadas dos livros enquanto as analisava.

— Não vi nenhum Nietzsche por esses dias, mas, se encontrar alguma coisa, posso levar para você... Para o Inked Armor, digo.

Sorri, gostando da ideia de tê-la em meu estúdio.

— Claro. Pode dar uma passada lá mesmo que não encontre um exemplar.

— Hum... Eu não... Talvez. — Ela olhou para baixo e se agachou para pegar o restante dos livros no chão. — Melhor eu guardar isso aqui.

O cabelo de Tenley esvoaçou quando ela se virou. O aroma de baunilha se dispersou quando ela sumiu de vista, deixando um cheiro de cupcakes no ar. A interação número dois foi um tanto melhor do que a interação número um. Eu estava intrigado, o que era raro para mim. Não havia muitas coisas que cativassem minha atenção.

Levou um tempo até eu encontrar Tenley de novo. Dessa vez, quando entrei na loja, ela ouviu o sino. Estava sentada ao caixa. Havia um caderno de rascunhos aberto à sua frente. Ao lado dela, uma pilha de livros com um prato de cupcakes em cima. Em uma das mãos, ela segurava uma caneta Pitt preta. Na outra, um cupcake. Eu tinha um fraco por essa sobremesa específica.

Cheguei no momento em que ela dava uma mordida; os lábios abertos, os dentes afundando na cobertura cremosa. Ela deu um gemido de aprovação, um som que eu poderia atribuir a um orgasmo especialmente satisfatório. Ao menos foi assim que minha imaginação interpretou aquele som. Os olhos dela, que estavam fechados em uma expressão familiar de êxtase, se abriram com o

barulho da porta. Ela logo colocou o cupcake no balcão, cobrindo a boca com a mão enquanto mastigava.

— Parece que está gostoso.

Sorri, vendo o rosto dela adquirir um tom sugestivo de vermelho. Sua garganta se moveu ao engolir, nervosa, e ela limpou a boca com a mão, os olhos fixos no balcão. Dei uma olhada no caderno aberto. Uma única pena, desenhada com detalhes impressionantes, ocupava a página. Chamas cobriam um dos lados, consumindo-a, anéis de fumaça erguendo-se no ar.

— Você é artista?

Ela fechou o caderno, puxando-o para si.

— São só uns rabiscos.

— Uns rabiscos bastante detalhados, na minha opinião.

Ela guardou o caderno em uma gaveta debaixo do balcão. Seus ombros se curvaram e ela me olhou com uma sugestão de sorriso no rosto.

— Tenley, me ajude aqui? — gritou Cassie dos fundos da loja.

— Estou indo! — Ela desviou os olhos. — Ainda não encontrei seu Nietzsche, mas estou de olho.

— Obrigado por se lembrar de mim.

— Não é nada, mesmo. Pode pegar. — Ela apontou para o prato de cupcakes e desapareceu nos fundos da loja com um aceno.

Eu jamais diria “não” para cupcakes, então peguei um e devorei o bolinho com cobertura em três mordidas enormes. Estava incrível. Peguei um post-it, escrevi um recado e o coleí no prato.

Quando ficou óbvio que ela não voltaria tão cedo, atravessei o Serendipity até o café anexo. Passei pela loja quando saí, mas era Cassie quem estava ao balcão em vez de Tenley. Peguei mais um cupcake, porque eram realmente ótimos.

Isso aconteceu cinco dias atrás; daí a impaciência com a cliente debaixo da minha agulha. Parecia que eu não precisaria mais me preocupar, agora que a distração em questão estava ali em meu estúdio, parecendo bem desconfortável.

O nervosismo dela me deu uma grande oportunidade de observá-la de novo. Tenley usava uma blusa preta de mangas compridas e uma calça jeans escura. O contorno esbelto deixava transparecer a curva suave de seus quadris e de suas pernas esguias, que terminavam em um par de All Stars roxos estropiados, como se, na hora de escolher os sapatos, ela já não se importasse com mais nada. Como de costume, ela não tinha nenhum artifício. Fiquei curioso para ver se escondia alguma coisa digna de nota debaixo daquelas roupas. Se a maneira como ela pairava perto da porta fosse um indicativo de seu incômodo naquele lugar, ela devia ser uma virgem de tatuagens.

— Tenley!

O cumprimento animado de Lisa chamou a atenção dela, dando-lhe algo inofensivo para olhar.

— Cassie contou que eu encomendei mais piercings?

Um sorriso sincero iluminou o rosto de Tenley quando ela se aproximou da mesa onde Lisa estava sentada. Fiquei incomodado por ela mal ter olhado para mim, por preferir ficar de conversinha e gracinhas com Lisa.

Ironicamente, toda vez que Lisa ia até o Serendipity para comprar café, Tenley parecia estar disponível, segundo os relatos recentes de Lisa. As duas pareciam ter ficado amigas. Era fácil adivinhar como isso tinha acontecido.

O cabelo rosa-claro de Lisa e seu *look* dos anos 1950 sempre chamavam atenção. Ela era como um raio de sol em forma humana, com uma argola no nariz, um piercing no lábio superior imitando a pinta da Marilyn Monroe e uma tatuagem que cobria metade do braço. Uma mistura de June Cleaver com uma Suicide Girl. Lisa mantinha um círculo pequeno de amizades, por isso era difícil para ela desaparecer de algumas amigas do passado que não eram as melhores companhias. A maioria ainda estava submersa no mundo de drogas do qual Lisa conseguira escapar. Uma nova amiga não faria mal, e Tenley parecia bastante normal, no máximo meio moderninha.

Tenley colocou os livros no balcão com as lombadas viradas para mim. Parecia que ela havia encontrado meu Nietzsche. Eu estava a fim de uma leitura mais pesada.

— Só passei para deixar isto aqui para o Hayden.

Ela não olhou para mim quando disse meu nome. Eu queria que tivesse olhado. Sua voz rouca, combinada com o corpo escultural, resultaram em um desconforto imediato abaixo da minha cintura. Era inconveniente, mas nada que me surpreendesse, considerando o quanto eu a achava atraente, além de fascinante.

Aquela não era a primeira vez que ela aparecia por ali. Cassie a havia mandado alguns dias depois do incidente com o café, com alguns livros para me entregar. Infelizmente, eu estava ocupado com uma cliente na sala privativa, então não tínhamos nos encontrado. Agora que ela estava ali, no meu mundo, eu queria conversar com ela. Talvez conseguir que ela me lançasse um daqueles sorrisos que ela dirigia a Lisa. Isso podia ser pedir um pouco demais; não sou exatamente um cara que exala calor humano.

— Vou terminar em cinco minutos, se quiser esperar — falei, torcendo para que ela mordesse a isca.

Os olhos de Tenley passaram por meu braço, pausando na tatuagem exposta. Ela só conseguia olhar até minha boca. É, eu ainda a deixava nervosa. Ela apontou com o polegar por cima do ombro.

— Cassie está me esperando.

— Tenho certeza de que ela vai sobreviver sem você por uns minutos.

Tenley olhou para o outro lado da rua. Pelas janelas, eu via Cassie sentada ao caixa, debruçada sobre o que parecia ser a papelada do dia de trabalho. Para me

ajudar, o neon de “Fechado” estava piscando.

Ela se virou de novo para Lisa.

— Acho que posso dar uma olhada nos piercings.

A resposta podia não ter sido dirigida a mim, mas aceitei mesmo assim. Lisa enganchou o braço no de Tenley e a levou à sala dos piercings antes que ela mudasse de ideia. Vi as duas desaparecerem pela porta e continuei trabalhando.

Depois da última visita de Tenley, eu tinha ido até o Serendipity para lhe agradecer, mas ela já tinha encerrado o expediente. Cassie me prometeu repassar o recado, e me disse também quando seria o turno seguinte de Tenley. Não que isso fosse necessário. Eu já tinha decorado os horários dela. Não conseguia entender por que Cassie estava tentando juntar a pobre menina com alguém como eu; eu a devoraria como café da manhã. Com isso, imaginei como ela ficaria deitada na mesa da minha cozinha, nua. Gostei da ideia.

Apesar das distrações, enfim terminei o desenho da menina que estava na minha cadeira. Ficou o melhor possível, considerando-se o que era. Quando acabei, expliquei os cuidados que ela teria que tomar, enfatizando que deveria ficar longe das câmaras de bronzeamento pelos meses seguintes. Ela não tinha conseguido aquele tom alaranjado artificial digno de um Oompa Loompa apenas passeando por Chicago no final de setembro.

Ao conversar com ela, confirmei minha primeira hipótese: era caloura da Universidade de Chicago e aquela era a primeira vez que morava longe de casa. A garota tinha até conseguido descolar uma identidade falsa, que me mostrou com orgulho, pensando que eu fosse ficar impressionado. Nem me dei ao trabalho de dizer que ela tinha jogado dinheiro fora, já que a falsificação era um lixo. Ela descobriria sozinha quando tentasse usá-la. Nas últimas semanas, minha base de clientes tinha sido composta por diversas versões da mesma menina. Aquilo estava ficando chato.

Os universitários tinham uma tendência a ser mais rebeldes no começo do período letivo, quando a liberdade deles ainda estava bem recente. Nada indicava mais inconformismo do que uma rosa estrategicamente tatuada em um peitinho. Era raro eu recusar algum cliente, mas minha alma artística morria um pouco a cada vez que um daqueles pirralhos escolhia um desenho da parede e me pedia para gravá-lo em seu corpo.

Chris, um dos meus sócios, tinha conseguido terminar o serviço no cliente dele antes de mim. Já estava no caixa, dando uma olhada na agenda, enquanto eu finalizava com minha cliente e a mandava seguir seu rumo. Esperei ele começar com a gozação. Eu já sabia que Chris, acima de tudo, adorava me irritar.

— Essa aí parecia superlegal. Ficou com o telefone dela?

Não respondi. O número dela já estava registrado no sistema, e eu jamais o usaria para fins pessoais. Além da falsidade nada atraente da garota, tínhamos uma regra no estúdio que não podia ser quebrada: não coma clientes. Tanto eu

quanto Chris aprendemos a duras penas por que isso não valia a pena, em especial quando nos envolvemos com a mesma cliente. Não ao mesmo tempo, mas mesmo assim.

— Topa um barzinho hoje? Ou quem sabe a The Dollhouse? Nem lembro quando foi a última vez que você foi comigo — disse Chris, virando a página do caderninho para conferir a lista de clientes agendados para o dia seguinte.

— Depende. Você e a Lisa vão sair? — perguntei a Jamie, o terceiro sócio da nossa trinca.

Jamie e Lisa estavam juntos desde que abrimos o estúdio. Aonde ela ia, ele ia atrás.

— Talvez. Pergunte quando ela terminar com a Tenley — respondeu Jamie enquanto trabalhava em seu cliente.

Se Lisa fosse junto, a The Dollhouse não seria uma opção. Ela não teria interesse em ver mulheres acabadas praticamente sem roupa se esfregando em postes de ferro. Especialmente porque várias delas eram suas ex-colegas de trabalho.

Mas eu odiava o The Dollhouse por outras razões, e uma delas eram as pessoas com quem Chris se relacionava. Damen, um cara que tinha sido nosso tutor antes de abrimos o Inked Armor, era um frequentador assíduo.

Ele era um completo idiota naquela época e não havia mudado em nada desde então. Sempre bancando o empreendedor, Damen tinha uma atividade paralela: tráfico de substâncias ilegais. Aproveitava a proximidade da The Dollhouse com seu estúdio de tatuagem para facilitar essa segunda fonte de renda. O grande trunfo era que a gerente da The Dollhouse, Sienna, encorajava as dançarinas a irem fundo em qualquer droga que estivesse disponível e ficava bem satisfeita com uma parte do lucro. Além do meu desprezo pelo caráter mais que duvidoso deles, eu tinha um longo histórico com Sienna, que gostava de me lembrar disso toda vez que a gente se esbarrava. Eu não a via fazia mais de um ano, e queria que as coisas continuassem assim.

— Cara, está tudo bem? — perguntou Chris.

Dei de ombros.

— Sim. Tudo certo. Só estou de saco cheio da temporada de calouros.

A enxurrada de universitários podia ser parte do problema, mas certamente não representava a questão toda. Toda vez que Chris sugeria uma ida à The Dollhouse, eu recusava. Não sentia que devia nenhuma explicação, mas era claro que ele esperava uma justificativa. Eu não tinha a menor vontade de esclarecer tudo, nem para ele nem para ninguém. Fomos impedidos de continuar a discussão quando a porta da sala de piercings se abriu e Lisa saiu, com Tenley logo atrás.

— Qual o estrago? — perguntou Chris quando elas se aproximaram do balcão.

— Está difícil chamar isso de estrago — respondeu Lisa, saindo da frente para

que Tenley pudesse ser vista.

Chris soltou um assobio baixo.

— Muito sexy.

Eu queria dar um soco nele. O que não fazia sentido. Chris dava em cima de qualquer coisa que tivesse peitos. Aquilo não significava nada, mas ainda assim eu sentia um impulso irracional de quebrar a cara dele. Me espirei entre Chris e Tenley, tapando a visão dele para eu mesmo olhar de perto.

— Vamos dar uma olhada.

Tenley pareceu espantada com meu interesse, então dei a ela meu melhor sorriso encorajador. Ela inspirou fundo quando coloquei um dedo sob seu queixo. Escorregando meu polegar pela linha do maxilar dela, virei seu rosto para o lado. Parecia que tinha uma corrente elétrica passando debaixo da pele dela. Um choque atingiu minhas veias e seguiu para baixo, parando bem atrás do zíper da minha calça. Usei todas as minhas forças para bloquear a enxurrada de imagens pervertidas que invadiram minha mente.

Enquanto eu me divertia com a intensidade daquele contato amigável, estudei os contornos do rosto dela. A pequena pedrinha de diamante fora artisticamente colocada no lado direito de seu nariz. Os lábios grossos de Tenley estavam um pouco entreabertos, os olhos voltados para baixo, fazendo com que ela parecesse bastante submissa. A frequência rápida de sua pulsação me dizia o contrário.

Eu estava sendo um babaca. Ela estava incomodada e eu era a causa, mas não queria parar de tocá-la. Aquilo era estranho pra cacete.

— Ela escolheu aquele que você gostou — disse Lisa, me dando uma cotovelada nas costelas.

Foi uma maneira não muito discreta de me mandar ficar na minha. Ignorei. Tirei o cabelo de Tenley de cima de seu ombro. Eram tão macios quanto sua pele e sedosos ao toque de meus dedos. O tipo de cabelo em que eu gostaria de enterrar o rosto, ou de enrolar na mão. Coloquei o cabelo dela atrás da orelha, expondo uma escada de argolas na cartilagem. Um pequeno sinal de rebeldia, que indicava uma predileção oculta. Interessante. Talvez ela fosse uma rebelde enrustida.

Ela encontrou meu olhar curioso com olhos tímidos. A insegurança então venceu e ela deu um passo para trás, quebrando o contato visual. Um leve tremor passou por seu corpo. Se eu não estivesse prestando tanta atenção, jamais teria percebido. Tenley levou os dedos ao lugar onde antes estavam os meus, a confusão nublando seus traços perfeitos. Eu tinha causado impacto. O que só fez com que ela parecesse ainda mais intrigante.

— Acho melhor eu voltar para lá.

— Mas já?

Aquilo foi frustrante. Toquei a pilha bem-feita de livros sobre o balcão.

— Diga a Cassie que agradeço por ela ter deixado você vir aqui trazer isso

para mim.

Eu ia agradecer a Cassie na próxima vez que a visse e arrancaria mais informações sobre aquela garota. Tinha algo nela de que eu gostava, além do fato de ela ser linda e claramente curtir piercings.

— Não foi nada — respondeu Tenley, indo em direção à porta, para longe de mim. — Quanto eu devo? — perguntou ela a Lisa.

Antes que ela pudesse responder, eu me intrometi:

— Não esquentar. Esse foi por conta da casa, desde que você prometa voltar aqui.

Chris tossiu.

— Mas não foi só... — começou Tenley.

Lisa a interrompeu:

— Relaxa. A gente acerta na próxima. Dou um pulo no Serendipity amanhã.

— Está bem — concordou Tenley, o rosto vermelho como tomate enquanto ela olhava para tudo, menos para mim.

Que merda. Parecia que eu tinha passado dos limites, mais do que o que normal. Ela disse um “tchau” rápido e saiu apressada do estúdio, quase tropeçando no meio-fio quando atravessou a rua. Ficamos ali, olhando para a porta depois que ela saiu. Bom, eu fiquei ali olhando para a porta enquanto todo mundo olhava para mim.

Lisa foi a primeira a quebrar o silêncio. Ela me deu um soco no ombro.

— Ai! Para que isso?

— Está de sacanagem? Qual é o seu problema?

Ofereci minha melhor expressão de surpresa. Eu provavelmente tinha sido muito... eu. Mas Tenley era gostosa e eu a achava intrigante. Talvez fosse porque ela parecia tão desconfortável perto de mim e totalmente relaxada com Chris e Lisa. Talvez fosse o pingo de rebeldia escondido debaixo daquele cabelo. Eu ainda pretendia encurralar a garota de novo e tentar conversar. Uma conversa que tivesse mais do que apenas algumas frases.

— Cara. Você tem problemas — zombou Chris, escondendo um sorriso com o pulso.

Eu queria arrancar aquele sorriso da cara dele.

— O que foi? — perguntei, olhando de um para o outro.

Eu entendia que talvez tivesse violado todo aquele lance de espaço pessoal, mas, fora isso, não enxergava nenhuma gafe social muito horrível.

Chris apontou para minha virilha e riu, debochando. Olhei para baixo. Hum. Meu cérebro não era a única parte de mim que achava Tenley fascinante. Eu esperava mesmo que ela não tivesse notado, porque minha camiseta não bastava para camuflar a situação.

— Isso é perturbador, sério — disse Lisa, cobrindo os olhos. — Você tem que baixar a bola.

— Melhor esperar eu chegar em casa.

A piada sobre masturbação não foi apropriada, mas eu estava tentando fugir do assunto.

Lisa ignorou minha tentativa de humor idiota.

— Ela quer fazer uma tatuagem, viu?

— Ah, é? Onde? Que tipo de desenho? — perguntou Chris.

Ele estava interessado demais. Enfiei o dedo na cara dele.

— Você não vai tocar nela. Então nem pense nisso.

Minha territorialidade era injustificada. Pegávamos os clientes com base em nossas habilidades. Chris era especialista em tipografia e artes tribais, Jamie tinha um talento especial para retratos e eu entendia desde do obscuro e sinistro ao leve e feminino. Qualquer que fosse a arte corporal que Tenley quisesse, um de nós seria especialista naquele estilo.

— Você já viu o desenho? — perguntei.

— Não. Mas eu estava quase a convencendo a trazê-lo aqui para você dar uma olhada. Aí você estragou tudo dando em cima e tentando se esfregar nela.

— Eu não tentei me esfregar nela.

— Teria tentado se não tivesse testemunhas.

Era difícil argumentar considerando minha situação naquele momento.

— Não era minha intenção ser um babaca.

— Vou ver Tenley amanhã e tentar minimizar os estragos. Se eu conseguir convencê-la a trazer o desenho aqui, você tem que prometer que não vai encostar nela.

— Você sabe que isso não vai ser possível se eu for tatuá-la, não é?

— Estou falando sério.

— Eu também.

Lisa balançou a cabeça.

— Nem sei por que me importo com você. É como tentar domesticar um animal selvagem.

Eu ri. Ela não estava errada. Quando se tratava de andar na linha, eu não tinha muita paciência. As pessoas se apegam a códigos de conduta porque se preocupam com o que os outros vão pensar. Eu estava cagando e andando para isso. Na maioria das vezes. Havia algumas pessoas seletas cujas opiniões impactavam minhas decisões. Tia Cassie era uma delas, e Lisa era outra. Por isso, eu ia tentar me comportar o melhor que pudesse com Tenley, mas não podia garantir nada.

HELENA
HUNTING

*Marcados
para
sempre*

A flor da pele
LIVRO
2

SUMA
de letras



Table of Contents

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Sumário](#)

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[Tenley](#)

[Hayden](#)

[A Flor da Pele](#)